

PreparaNem, Rio de Janeiro, 2015-2016

Welltonna Miritica
Evelym Gutierrez
Cibely
Luciana Vasconcellos
Bárbara Aires
Indianara Siqueira

Este é um texto composto por muitas vozes, em uma estrutura que não se pretende narrativa, linear ou explicativa. São vozes e vidas heterogêneas e diferenciadas entre si, que apresentam múltiplas experiências e criações de sentido a partir de um projeto comum que é a experiência do coletivo PreparaNem, e das pessoas que o constroem concretamente.

Welltonna Miritica

Cresci sabendo que era diferente da maioria. Não por brincar de boneca, detestar futebol, assistir Ursinhos Carinhosos, ter trejeitos afeminados ou assumir amor pela cor rosa publicamente. Aprendi a lidar com todas essas questões, mas nada me afetava tanto quanto os olhares vindos de parentes e conhecidos próximos; há uma sensação de desconforto enorme que todo LGBT é obrigado a encarar desde cedo. A voz, tão fina quanto hoje, também incomodava o machismo do meu pai, por exemplo, que só me via de quinze em quinze dias e aproveitava o pouco tempo para criticar uma criança já cheia de receios e traumas. Ninguém se importava com o ser humano que eu poderia ser, estavam preocupados demais alimentando seus preconceitos, tradicionalismos e ideologias infundadas.

Hevelin Gutierrez

Ontem, na aula de filosofia, disse que não gosto de pensar com a cabeça de outras pessoas. Mas isso foi ontem, e quem morreu ontem já tá fedendo hoje.

Bárbara Aires

Às vezes me pego pensando no peso de ser trans, em tudo que perdemos ou para o que não somos aptas apenas por ser trans... O Facebook me lembrou, a poucos dias, de um texto que fiz sobre a solidão Trans. Servimos para sexo casual escondido - olha é nosso segredo, hein? Seja discreta, gosto de sigilo... Então do nada esse mesmo cara que te pediu discrição começa a te esfregar na cara a nova namorada que ele faz questão de escancarar.

Servimos pra ser a colega de trabalho, mas só no ambiente de trabalho. Os colegas combinam saídas na sua frente, se chamam pra almoçar, se oferecem carona, marcam festas e churrascos na casa uns dos outros, postam as fotos dos diversos encontros fora do trabalho e, nem por educação, lembram que você está ali ao lado, ouvindo tudo. Servimos pra dar dicas de moda, fazer o cabelo de outras mulheres, ser a cliente especial na loja onde ela trabalha, mas não servimos pra ser a colega que vai junto ao cinema, pra balada, pra festinha em casa. Óbvio que há exceções, situações pontais, mas não podemos explicar a regra pela exceção e nem transformar uma situação em exemplo de vida. São tantas coisas que acontecem a nossa volta e das quais não temos direito de participar, e as pessoas nem se dão conta do quanto isso machuca, diminui e agride a gente.

Além disso, rejeição familiar e dos amigos do meio LGGGGGB, dificuldade de empregabilidade, ambiente escolar hostil... Isso aliado a ter que provar todo dia que se é mulher/homem, porque sua imagem não condiz com seu RG, porque seu órgão genital diz o contrário de você. Sim, é assim que somos avaliados. O que vale é meu RG ou meu pau/buceta e não o que eu falo que sou... Comemorar Dia dos Pais? Que pai? Aquele que te bate por te achar feminino/afeminado demais? Aquele que raspa sua cabeça pra você parecer mais com homem? Aquele que, aos berros e tapas, manda você falar grosso, falar que nem homem? Ou aquele que, quando você chega chorando, dizendo que apanhou, foi perseguido e xingado de viadinho, ele te bate mais e diz que você mereceu? Ou aquele pai que, de tanto te bater, te machuca, te deixa marcas a ponto de você preferir fugir de casa e morar na rua? Aquele pai que, quando a polícia te leva de volta pra casa, ele fecha as portas e diz que se você foi sozinha, que volte sozinha, com 12 anos de idade... Aquele que após você externalizar sua transexualidade não fala mais com você e diz para todos que você morreu? Se for pra comemorar esse pai, então, posso dizer feliz dia dos pais. Como, com tudo isso, escolheria ser trans? Isso porque não falei nada do que passei como trans...

Após anos buscando emprego e caminhando sem destino, não acreditava em nada de possível para minha vida. Foi então que dois anjos me olharam além e me deram a oportunidade de trabalhar como produtora de TV. Graças aos dois anos em que trabalhei nessa função, escolhi o Jornalismo, faculdade que curso hoje!!! Nasceu então o PreparaNem, trazendo das cinzas minha esperança. Fiz parte da primeira turma. Foi uma convivência maravilhosa, conheci um coletivo acolhedor, generoso e devo a eles o caminho que minha vida seguiu e o que consegui construir. O Prepara me deu mais do que o ingresso na faculdade: me devolveu a autoestima, a vontade de vencer e seguir em frente, devolveu o nome que eu tinha - e eu nem sabia do poder que ele tinha -, me fez reconhecer privilégios e trabalhar preconceitos, me ensinou a questionar os padrões, as normas e a me desconstruir.

Todes

Isso aqui é sonho e também pesadelo.

Foi ontem e era das vezes, apareceu uma caixa vazia no saguão do Castelo Nem, que fica no bosque travestido da Lapa, no qual Ludymonsteres estava a faxinar. Ao se deparar com o monstro, Lê e Naomi, as irmãs chatas, foram ao encontro da governante Cibele. Elas queriam saber se, por acaso, o caixão era o novo leito de Naomi Vampire, irmã caçula de Lu Viúve-negre. Cibele mafiosa disse: não sei de nada, mas vamos reunir todes e pedir a ajuda de fadabruخته Thom. Às seis e meia, todes se reuniram, conforme o combinado. A primeira a chegar foi Lu Viúve-negre, com um vestido esvoaçante e longos cílios postiços; em seguida, adentrou Naomi, a chata, com suas pernas longas e rosto apático, e Dani Vamp desceu do centro do lustre do castelo com seu belo black, gotejando sangue. Em seguida, a Ludymonsters veio balançando seu belo implante de tranças e, na mão, uma taça de um néctar encantado de aguardente. Ninguém viu Evelyn, a putrans, chegar, pois ela estava na casa de banho com o músico Lê fazendo sabe-se lá o quê. Cibele, como de costume, sempre a recepcionar todes, estava ansiosa com a chegada de Vosses Altezes, Liége e Airam, que se amavam tanto e que, em um ato de paixão, esqueceram o horário da reunião e chegaram atrasades.

A reunião começou de forma branda, pois todes queriam saber de quem era o convite e porque estavam ali, no saguão do Castelo Nem. Até que surgiu, de repente, uma fumaça não-binária no meio do salão de festas, era Thom, rindo de tudo.

Luciana Vasconcellos

Eu posso dizer que é um saber de desconstrução. Porque ficou muito gravado na minha cabeça quando duas amigas minhas me questionaram sobre o proveito que eu tinha tirado no Prepara, já que eu não passei na universidade e nem fiz o Enem. E que eu ficava aqui só tirando proveito e sugando as pessoas. Ainda bem. Porque é justamente o proveito que eu tiro, o que eu sugo daqui, e ainda bem que eu tenho de quem sugar, o que sugar e posso sugar. Ainda bem que eu tenho força pra sugar. O Prepara me deu empoderamento, pessoas, responsabilidades e, com isso, me fez pensar que não é só por uma academia. Não é só um preparatório para o Enem. Eu não fiz nenhum dos três, não fiz vestibular, não tirei meu diploma de segundo grau e nem entrei numa academia, mas o Prepara me deu empoderamento, pessoas, responsabilidades. Ele deu a minha família de volta. Essa coisa de Enem e de segundo grau, que era o meu intuito de início, quando eu entrei no Prepara, ficou pra traz, em segundo plano, porque eu descobri coisas extremamente mais importantes na minha vida do que tirar um segundo grau. Não é só você colocar que o PreparaNem é um preparatório para travestis e transexuais em vulnerabilidade que vão fazer o Enem. Não. Tem que mudar já essa frase. O *Prepara* prepara pessoas pra vida. Porque, de uma forma ou outra, se você quiser engajar, né? Porque quem vê de fora pensa que é exagero falar que o *Prepara* prepara pessoas pra vida. E me preparou, me preparou pra eu entrar numa sala com um público de 500 pessoas e conseguir falar bonito e sair de lá aplaudida, coisa que em anos de militância não conseguia fazer. Então de uma forma eu faço uma preparação. Prepara pra que você adentre num espaço que é extremamente preconceituoso e faça com que aquelas pessoas, na hora da sua saída, peçam pra você voltar pra falar, e isso é muito importante.

Agora vamos fazer uma foto pra botar no todes¹.

Indianara Siqueira

Obrigaram-me a ser cis-hetera, tentei ser, mas quase morri sufocada por tantas regras idiotas que vêm de marte e vênus. Então descobri que sou P(l)utâniana. Quebrei as regras, dei e comi cu, chupei e fui chupada, ainda

¹ Grupo de *whatsapp* do qual fazem parte todes es pessoas que participam da rede do Prepara como alunes, profes, colabores e amigues.

aprendi a cobrar por isso. Algumas vezes gozei, outras gozei a vida, outras gozei com a vida. Enfim, transicionei, transgredi, transpassei.

Apesar de tudo, acreditem, é possível uma vida sem cis-heteronormas. Bom, deixa eu ir que estou vendo como construir uma nave pra fugir daqui e voltar pra casa.

Sim, vou fugir pra Plutão, ou morrerei tentando.

VAI TER FUGA PRA PLUTÃO 2016 REPESCAGEM.

*

Sem definições, para que sempre seja domingo.

Chorando, aqui, deitada na rede.

Ver as nens reunidas na sala discutindo variedades depois de terem tido uma tarde de domingo de teatro. Umes foram pro aniversário da Bianca pra jantarmos juntas e outra parte veio pra festa junina do Beco do Rato brincar com as crianças. Agora, todes juntas na sala discutem variedades e o domingo que tiveram. Relembra, como crianças, as brincadeiras que fizeram com as do Beco do Rato. Queria que elas e eles tivessem mais dias assim. Sei que amanhã é um novo dia ruim. Sim, nós transvestigeneres sabemos com antecedência que amanhã não será melhor que hoje, mas, sim, pode ser pior.

E agora Maurício (minha pessoa de estimação = marido) pediu um abraço pra Ludmilla, e ela abraçou e começou a chorar. Ele disse que tinha todo o tempo do mundo e ela podia chorar... Lindes. Amor e Afeto. Levantei da rede exausta, meus olhos ardiam de sono, meu corpo, em suas juntas, gritava pra que eu parasse. Ri do meu corpo. Esse que nem eu mesma mais defino. Esse corpo que não cabe nos julgamentos dos tribunais brasileiros, que não sabem como punir esse corpo que lhes esfrega na cara o quanto suas leis são desiguais, obsoletas e não cabem mais na sociedade atual.

Dei beijos nes menines, me despedi. Ainda tinha uma hora de trajeto até Santíssimo, pra minha casa, na Zona Oeste. Cheguei exausta. Mas ainda tem Juninho e Sansão, meus *rotweillers*, que, desde quinta, quando viajei pra Belo Horizonte, não passaram sua uma hora na rua. Sinto que estou febril. A mandíbula dói um pouco do lado direito. As pernas querem se recusar a subir pro primeiro andar da casa. Subo. Como alguma coisa vegana que minha pessoa de estimação traz, melhor, engulo. Visto a roupa de sair com os *rotweillers*.

Desço, ponho as mordanças neles. De repente, parece que eles me passam uma energia forte.

Saio.

Caminho uma hora com os cães. Na volta, dou uma rápida limpada no térreo, onde eles dormem.

Maurício dorme no primeiro andar. Sinto que estou um pouco febril. Ainda encontro forças pra subir até o segundo andar e admirar um pouco a vista. Lembro-me de como foi difícil e de como decidi facilitar para outros. Sempre que tiver tempo, qualquer dia da semana, meus meninos e meninas transvestigeneres terão um dia de domingo. Esforçando-me pra isso. Amor, afeto e entrega, assim se rompe o ódio, a revolta e a exclusão que nos deram sempre.

Se depender de mim, minhes filhes transvestigeneres terão um lugar para onde voltar de suas andanças e brigas contra o patriarcado e o machismo, base de todes opressões dessa sociedade cis-hetero. Se depender de mim, mes filhes transvestigeneres terão noites dançantes entre irmãos e irmãs. Se depender de mim, todes os dia serão domingo pres transvestigeneres. Se depender de mim, transvestigeneres sempre terão um lugar para onde fugir e para onde voltar. Que meu corpo aguente um pouco mais. Não é mais por mim. É por nós. É por um futuro mais inclusivo para cisgeneres e transvestigeneres.

Até que sejamos apenas pessoas. Até que matemos o humano que inventaram no nosso cérebro e nos tornemos apenas ser. Sem definições que nos aprisionem. Sem definições que façam ressurgir o ódio. Sem definições que matem o amor entre iguais que sempre serão diferentes entre si. O afeto será o remédio e o amor vencerá o ódio.

*

PULSE, CONTINUEM BATENDO E PULSANDO

POR NÓS

Expulsos do Paraíso

Expulsos de casa

Expulsos da escola

Expulsos de amar

Assim mesmo, a vida pulsava neles.

Decidiram viver.

Procuraram um refúgio.

Encontraram um lugar Pulsante na Pulse.

Se entregavam entre os seus.

Se sentiam em segurança entre iguais.

Não imaginavam que a intolerância e o ódio bateriam na porta do esconderijo, onde eles decidiram amar um amor que não ousa dizer o nome. Resolveram sair apenas para dançar, já que sabiam e sempre viviam com a morte espreitando nas esquinas, sendo decretada contra eles de dentro de templos religiosos, de escolas, através de livros machistas e da negação de suas histórias e cultura LGBTI, que era negada às crianças.

Sim, tinham medo que as crianças se tornassem como eles.

Mas, nas escolas e templos, não se importavam em criar assassinos.

O ódio era a fonte alimentadora para ceifar a vida de quem decidiu amar mesmo que o amor lhes fosse negado.

Pulsavam corações e mentes em um mesmo ritmo, embaixo de uma mesma bandeira.

Pulsavam tanto e na segurança do pulsar da PULSE que nem sentiram o inimigo entrar, quando perceberam, já não dava mais pra fugir.

Talvez tenham implorado por suas vidas.

Alguns, a quem tudo lhes fora tirado e o amor negado, ainda encontraram tempo pra lembrar dos seus e ligaram ou enviaram mensagens tipo: Mãe, te amo. Ele está aqui. Chame a polícia, vou morrer.

Um último pensamento de amor e não de ódio.

O Pulso parou.

A PULSE NÃO PULSA MAIS.

SANGRA FRIA, SOLITÁRIA, COMO UM TEMPLO PROFANADO PELO ÓDIO.

ERAM APENAS CRIANÇAS QUE O CLASSISMO MATOU EM FRENTE À CANDELÁRIA.

ERAM PESSOAS QUE A INTOLERÂNCIA E O TERRORISMO MATARAM EM PARIS.

ERAM NOSSOS IRMÃOS DENTRO DA PULSE QUE A HOMOLESBIBITRANSINTERQUEERFOBIA MATOU EM ORLANDO E MATA, HOJE, EM TODO O MUNDO.

A SOCIEDADE CIS-HETERONORMATIVA PODE CONTINUAR A DORMIR TRANQUILA E FELIZ.

ENSINEM SUAS CRIANÇAS A AMAR.

ENSINEM-AS A RESPEITAR A DIVERSIDADE, AS ESCOLHAS DAS PESSOAS.

MORRERAM DO NOSSO LADO, PODERIA SER SEU FILHO.
MORREU O ATIRADOR, ELE PODERIA SER SEU FILHO.
ENSINEM AS CRIANÇAS A AMAR ENQUANTO É TEMPO.
SALVEM SEU FILHO DE MORRER DE UM DOS LADOS DESSA
GUERRA INSANA DECRETADA PELA CIS-HETERONORMATIVIDADE, PELO
FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO E PELO MACHISMO.
SE VC NÃO O FIZER POR NÓS, POR MIM, FAÇA PELO SEU FILHO.

*


Eu não comemoro algumas datas, por serem, pra mim, muito doloridas. Dia das Mães e dos Pais são algumas delas. Fora o Natal, que comemoro como Desnatal.


Hoje, passei o dia inteiro com aquele nó entalado na garganta. Ódio das mulheres sentadas com seus vasos de flores no ônibus enquanto eu voltava pra casa. Ria ironicamente delas. Dos filhos adolescentes e adultos que entendiam esse dia de hoje e as abraçavam, suas mães. Vontade de ser as crianças que ainda não tinham noção do que era hoje. Lembrando-me das vezes em que corri pra ela, D. Amenaide, minha genitora biológica. Lembrando também de nossas separações e até a última que ainda é ruim. Lembrando que hoje eu não correria pra nenhum telefone pra ligar pra ela e me sentir feliz e aliviada de ter cumprido meu papel. Hoje, ela teria meus irmãos e talvez pra todes eu fosse a filha ingrata que não liga nem no dia das mães.

Agradeço por ser anticapitalista, isso me ajuda muito nesses dias, é como uma pomada pra algumas feridas.

Desci em Santíssimo com ódio do mundo. Cruzo com minha pessoa de estimação (maride) que vai pra um churrasco na casa de sua mãe, a duas quadras de nossa casa, e que me pergunta se quero ir. Respondo que não, e recuso até o beijo que ele me pede. Depois soube que a família dele perguntou por mim.

Aí uma das filhas que a vida me deu (Letícia Suhet) me manda no *inbox* do meu *zap*:

[8/5 7:50 PM] L. S.: Feliz Dia das Mães Indi! Mãezona, Madrinha, Cuidadora! 

[8/5 7:50 PM] L. S.: Orgulho de ser Filha da Puta! 

[8/5 7:52 PM] L. S.: Mãe na militância! No aprendizado! Obrigada por tudo! Por mim e todas as pessoas trans!

[8/5 8:05 PM] Indianara Siqueira: De nada amore.
Também te amo.

[8/5 8:05 PM] Indianara Siqueira: Vou postar tá.)
Aí ela continua assim: Uns se dizem filhos do rei
Mas eu sou filha da PUTA!

Indianara mãezona!

É um exemplo de luta!

Feliz dia das Mães Indi! ♥♥♥♥♥)

Então, por favor, devolve meu domingo inteiro. Agora que eu tô feliz de novo, que quero curtir meu Dia das Mães.

Devolve meu domingo, por favor. Me deixa voltar para o sábado e estar no domingo com elas e eles, meus meninos filhês trans.

Lembro-me que hoje, antes de sair, fiz questão de avisar ume por ume que já ia. Sei que para a maioria não seria um dia fácil.

Ao sair da CASA NEM, hoje de manhã, estava feliz por ter meus filhês comigo. Saber que algumes dançaram em segurança, a noite toda, na Casa, e outres dormiam segures na Casa ou estavam por aí, livres e empoderades.

Mas sempre falta alguém.

Amo vocês meus amores, frutos de minhas dores, que me proporcionam muito amor.

Beijes de Mamys toda poderosa, como vocês me chamam.

*

Eu acho que a perspectiva de uma nova política passa por um lugar de destruição do modo como a educação nas escolas e universidades está fundamentada. É uma nova educação. A gente só vai conseguir mudar essa realidade toda através de uma educação inclusiva e nova, discutindo machismo nas escolas, discutindo corpos não normativos, não binaridade, sexualidades, orientações sexuais, travestilidade, discutindo LGBT fobia. É dessa forma que a gente vai construir uma nova política, um local mais seguro. É justamente isso: como se ver no outro? Na realidade, cada pessoa é singular e tem uma história singular, mas é preciso tentar no mínimo se colocar no lugar do outro, ver o outro como se fosse você, e isso da maneira mais simples: se você pede um copo d'água, como você espera receber esse copo d'água? Em um copo sujo, com uma água turva, suja, ou potável, fresca num copo limpo? É sempre se colocando no lugar do outro que a gente consegue oferecer para o outro o melhor da gente. Mas cada um é singular e, infelizmente, estar

realmente no lugar do outro nunca estaremos, porque cada um sabe da sua dor e cada dor é única, é daquela pessoa que está sentindo e passando por determinada opressão. Essa cidade vai continuar sendo insegura enquanto a história de mulheres não for contada, enquanto essas placas tiverem mais nomes de homens ditadores e opressores nas esquinas e nas praças ao invés da história de mulheres, do nome de mulheres. É por isso que, mesmo nos livros de história, mulheres que fizeram muito pela história do mundo são mostradas como coadjuvantes, como princesinhas que ficavam esperando o príncipe encantado, foram casadas com fulano pra selar uniões e fazer a segurança de alguns países e alguns reinos. E é assim que é contada a história de Catarina, a Grande, da Rússia. Olhem tudo o que ela conquistou pra Rússia, inclusive foi uma das Imperatrizes que se inoculou contra uma doença, foi a primeira a dar o exemplo. Vejam o que se fala de Théodora de Byzance, a Imperatriz de Byzance. Não se fala, na realidade. Fala-se que foi uma mulher, uma feminista à frente do seu tempo, mas não que foi uma Imperatriz que recebeu o título de Papisa, deu direito às prostitutas, deu direito às mulheres de abortarem. Não se fala que foi uma mulher revolucionária, uma mulher que, apesar de ter passado pela prostituição, conseguiu ver suas iguais e não deixá-las lá, não oprimi-las. Não se vai contar a história verdadeira de Ana Bolena, o que será contado é que foi uma grande piranha etc. e tal, mas não que a Igreja Anglicana da Inglaterra só existe porque Ana Bolena resolveu ser rainha da Inglaterra. Então a Igreja Anglicana da Inglaterra é isso. E isto seria dar uma outra oportunidade às meninas, de entenderem que elas podem ser algo além de recatadas e do lar, algo além de mães. Contar a história dessas mulheres fortes. Contar a história de Xica Manicongo, batizado Francisco, escrava de um sapateiro, que se recusava a trajar roupas masculinas, travestindo-se nos anos 1500, na época da escravidão, e que era por isso chicoteada em praça pública, é dar outras referências às pessoas; é dizer às pessoas que, sim, há outras formas de viver, elas podem viver em outros corpos, de outras maneiras, através de outras roupas, através de outras regras que não essas que lhes foram impostas e que são tão opressoras. Eu costumo dizer assim: esse aqui é o meu corpo, ele é o meu território, ele não pode ser agredido. Se ele é lido como um corpo de mulher, como um corpo de homem, isso não é problema meu, isso é problema dessa sociedade que tem necessidade de definir tudo. Esse é meu corpo, e ele é pautado e construído por mim através de corpos que eu vi na minha frente. Se eu reproduzo outra vez outros padrões dessa sociedade machista é porque o que eu vejo é aquilo que eu quero pra mim. Então, primeiro isso tudo, e todas essas regras, toda essa sociedade, têm

que ser destruídas. Toda essa binaridade, essa questão de gênero. Tudo isso pra que a gente, então, construa uma sociedade mais livre, mais igualitária e mais justa. E, para isso, infelizmente, a única maneira é através da educação e de uma educação mais inclusiva. E se nos proibem de fazer isso nas salas de aula, vamos ensinar as crianças em praça pública, vamos discutir diversidade nas ruas, nas praças públicas, nos campos de futebol, nos becos, vamos discutir essa sociedade, pra criar uma sociedade realmente mais igualitária.

* PreparaNem é um coletivo transvertigênera, idealizado por Indianara Siqueira, fundadora do Transrevolução, prostituta, travesti, vegana e militante pelos direitos de todas as mulheres, pelos direitos LGBT e pelos direitos das prostitutas, há mais de vinte anos. O Prepara Nem surgiu em julho de 2015 como um coletivo preparatório para as provas do Enem, vestibulares, universidades e demais concursos para o mercado formal de trabalho, voltado a pessoas em situação de vulnerabilidade de gênero, cujas trajetórias escolares foram marcadas por situações violentas de transfobia, homofobia, machismo e capacitismo do sistema cis-hetero patriarcal, além das diversas opressões para além dos muros da escola – escola essa que, segundo Indianara, só reforça os valores hetero-cis-normativos da sociedade em que vivemos. Já em 2015, cinco alunes entraram nas principais universidades públicas e privadas da cidade, efetuando uma ocupação necessária, afrontando o sistema que lhes vetava acesso ao Ensino Superior, julgando-lhes incapazes de ocupar tal espaço. O Prepara Nem, em 2016, estende seus braços para Niterói e para a Maré. Cria também uma onda de empoderamento, contagiando outras cidades brasileiras como Aracajú, Uberlândia e Belo Horizonte que criaram movimentos similares. Em março de 2016, o Prepara passa a ocupar um espaço que hoje é próprio. A Casa Nem, situada em um casarão na Lapa, para além das disciplinas curriculares oficiais, promove oficinas de costura, de fotografia, yoga, libras, sedia importantes debates sobre gênero, feminismo, performances, cinekuir, comida vegana e realiza festas brilhantes, libertárias e seguras para a população LGBTI no Rio de Janeiro. Além disso, tornou-se uma ocupação social e residência temporária de pessoas LGBTI em situação de vulnerabilidade, ainda sem domicílio estável e seguro. A Casa é mantida com dinheiro proveniente das vendas de material promocional, oficinas, festas e doações.

Profes/colabores/fotos: Julia Naidin, Julia Schmidt, Élvio Cotrin, Hal Hungerkünstler

